

# O Pregão de S. Nicolau

Recitado por JOSÉ DE ALMEIDA BERKELEY COTTER  
aluno do 7.º ano do Liceu Nacional de Guimarães

José de Almeida Berkeley Cotter

Antônio de Rocha e Costa

É este Pregão  
dedicado ao povo.

O AUTOR.

## Silêncio!

Ninguém ouse abafar a voz do pregoeiro  
Que das aves canoras possui a melodia  
Herdando do trovão o fragor por inteiro  
Como um clarão imenso as trevas alumia.

Se a rima for má e fraca a acentuação  
Vamos sanear—já—o prosaico autor  
Que num dia de vento pariu este pregão  
Como quem dá à luz, de parto sem dor.

Os tempos vão difíceis, a crise é geral  
Martelam-nos a tola com a austeridade.  
Escasseiam os poetas, essa moia real  
Capaz de manejar com rara habilidade  
A pena de Pessoa — poeta genial,  
Na arte do soneto, grande autoridade.  
Porque o autor para mais não tem cabedal  
Vai curto este pregão, dos outros dá metade.

Não faltará por certo o dedo acusador  
De quem no apontar é um exímio artista.  
Uns e outros dirão, conforme a sua cor,  
Que é reacçãoário, muito progressista  
Ou ainda um panfleto sem qualquer valor  
Este naco de versos em tom realista  
Que apesar de ser obra de punho amador  
É dedicado ao povo, mui nobre e baírrista.

Tocou a antiga "cabra" há dias no liceu  
A malta perfílou de capa e batina,  
S. Nicolau bradou e tudo estremeceu  
Ergueram-se o Sampaio, o Caldas e o Pina  
Com outros que repousam na noite de breu,  
Acenderam archotes de canto em quina.  
De torrentes de luz o burgo se encheu  
Para acolher com brio a Festa Nicolina

Rufaram os tambores junto à Mumadona  
Ferindo-nos os tímpanos com tal troar  
Que alguém desprevenido que andava na zona  
Logo telefonou para a Rádio a perguntar  
Se não seria golpe ou mais uma intentona.

Por entre a chifrineira a Festa continua  
Com os velhos Nicolinos em banhos no Jordão.  
O Pinheiro robusto sai de novo à rua  
Levando atrás de si ruidosa multidão.  
Vem depois do Pregão, a maçazinha crua  
E no final, a Dança, a grande ballação  
Onde a pura Donzela, de perninha nua  
Ao som dos "Supertrampa" dá o Coração.

Guimarães anda farta de ser enganada  
Os sandeus abusam da nossa paciência  
Fartam-se de dizer que não merecemos nada  
Pois Braga deve ser o berço da Ciência.  
Levante-se a cidade contra essa cambada  
E sem construir muros ou usar de violência  
Mantenha-se bem firme para não ser levada  
Pela baixa política da Influência.

Ignóbels abutres de garra usurpadora  
Já levaram metade do Parque Industrial  
E com desfaçatez devoram-nos agora  
O Banco mais antigo do nosso Tournal.  
Imaginem que a gente em gelto de desforra  
Instala nesta urbe o Paço Episcopal  
E em nome da Justiça exige sem demora  
Que seja do Distrito aqui a capital.

Encarece a tarifa, a "chamada" aumenta  
Sem que alguém ponha termo às longas  
procissões  
Que o povo já cansado há anos aguenta  
No pombal dos Correios e Telecomunicações.  
Termine-se depressa aquela obra lenta  
Porque o Zé Mexilhão, sem grandes ambições  
Contente ficaria se nos anos noventa  
Tivesse um edifício novo, em condições.

Valha-nos Esculápio, atente em nosso mal  
Cessem já os tormentos da horda plebeia  
Que no conventual e sóbrio Hospital  
Busca para a moléstia eficaz panaceia.  
O povo já não vai no chá medicinal  
Essa antiga mezinha de farmacopeia  
Com que o estagiário de ar doutoral  
Procura debelar a forte diarreia.

Mas nesta Babilónia nem tudo é tormenta:  
Uma onda de progresso e dinamização  
Trouxe-nos até cá a matê cinzenta  
Das torres de cimento da urbanização  
Que a mão do operário e a sua ferramenta  
Levantam, da Quinta até à Conceição,  
Atenuando a falta, que nos apoquentam  
De uma acolhedora e digna habitação.

Ao fundo da Alameda, a taça de água benta  
Para baptizar o crente e o pagão  
É uma obra de arte que a Câmara atenta  
Ali fez colocar no último Verão.

É grande a ansiedade de vermos no Minhoto  
Terminada de vez a torre de Babel  
Entretanto, e até já, excusas de andar roto  
Pois abriu no "chilado" um giro carrocel.

Se um dia for narrada a história da cidade  
Deverão figurar as personagens gradas  
Que sendo segregadas pela sociedade  
Vão cumprindo o destino em "éter" encharcadas.  
Sem qualquer cerimónia ou formalidade  
O "Chula" e o "Vinte e Sete" serão condecorados  
Ficando no Tournal para a posteridade  
Seus bustos de heróis em bronze trabalhados.

Na longa caminhada, dura e sinuosa  
Que às portas de Abril teve o seu início  
Tantas vezes cravo e outras tantas rosa  
Tem a democracia sido o nosso ofício.  
Porém não confiar, a História é caprichosa  
E quem da confiança adquirir o vício  
Poderá ver ruir de forma desastrosa  
O ainda inacabado e frágil edifício.

Cansados de carpir a nossa triste sina  
Por ver levar as coisas excessivas aumento  
Veremos outra vez subir a gasolina  
Enquanto que os Mercedes, às portas de S. Bento,  
Pertença de ministros e outra gente fina  
Não sofrem restrições no abastecimento,  
Bem Prega Frei Tomás... mas a sua doutrina  
Não obriga o pregador a dar-lhe cumprimento.

"Ou isto arreventa ou dá o estouro"  
Dizia-me uma velha presa à nostalgia,  
Obrigada a vender a meia libra em ouro  
Para pagar a conta na mercearia.  
Oh bom S. Cipriano: afasta o mau agouro  
Faz com que a boa velha exulte de alegria  
Quando puder comprar com Títulos de Tesouro  
Um grosso bacalhau e um quilo d'aletria.

Se és analfabeto invejo a tua sorte,  
Não terás que escolher entre tantos jornais  
Nem correrás o risco de perder o Norte  
Sem saber qual deles é o que mente mais.  
Não terás que gramar o censurável corte  
Ou mesmo a supressão de artigos integrais  
Pelos donos da imprensa, que tem por forte  
Ocultar no manguito os factos viscerais.

Estava a Academia posta em sossego  
Curtindo do saber efêmera ilusão.  
Naquele engano d'alma até o próprio cego  
Julgava saber mais que o Rei Salomão.  
Distintos engenheiros leccionavam grego  
Sem terem para isso habilitação  
Era então o ensino próspero emprego  
Que a todos garantia uma colocação.

Até que tomou posse o novo titular  
Que em mira de atingir ideal supremo  
Deu um salto Mayor e quase foi parar  
Com grande rapidez, de um ao outro extremo.

Figura controversa, alfbre de talento  
Já deu provas sobejas de Inegável pericia  
Ao conquistar espaço para alojamento  
Dos examinandos, no quartel da Polícia.

Uma vez em exame, o aluno atrapalhado  
Terá por companhia — oh céus! — já se vê  
Um simpático agente de gala fardado  
Pra levar a menina ali ao W. C.

Para vós garotas, que sois o nosso encanto  
Não podia faltar o doce galanteio.  
Vamos rir e folgar para afastar o pranto  
Que de tristeza e dor vai este mundo cheio.  
Sob esta capa rota, caloroso manto  
Palpita uma quimera, um ardente anseio  
De sabermos um dia quanto é bom, oh quanto!...  
Entrar no "paraíso" pela porta do meio.

Senhoras, por quem sois, mantende-vos apartadas  
Daquelas que cultivam a ilusória imagem  
Dum mundo semelhante ao dos contos de fadas  
E pensando assim, de tal modo agem  
Deixando as caquéticas gerações banzadas.  
Só eles são capazes de partir em "viagem"  
Em naves irreais a "erva" alimentadas  
Ou transformar o "bol" em exótica carruagem  
Que permite chegar à Lua, sem escadas.

E por falar em Lua, vêm-me ao pensamento  
Estranhos humanóides envoltos em magia  
Que chegam até nós, cruzando o firmamento  
Pra restaurar—quem sabe?—no mundo a harmonia.  
A era universal está no advento  
E cremos piamente, passe a heresia,  
Que há-de chegar ao fim tanto padecimento  
Acabando de vez esta rebaldaria.

Já a musa se esbate no escurecer  
Sem haver acendido meu estro criador.  
Minha voz sussurrante vai perdendo o ser  
Sumindo-se no eco do nicolino tambor.  
Cumpra-se, por mais forte, o vosso querer  
Levai de porta o som libertador  
Pois tendes por missão fazer estremecer  
As velhas estruturas, podres de bolor.

Nicolinos de gema, oh filhos de Minerva!  
Fazei barulho tal que possa ouvir-se em Roma  
Com a força viril que a juventude conserva  
Deixai-me esses zabumbas em estado de coma!

Dezembro de 1976

A. R. C.